

Apresentação

O interesse pelo estudo antropológico do Caribe é relativamente novo no Brasil. À exceção de poucas teses e dissertações isoladas, que partiam mais de iniciativas individuais do que de esforços coletivos de pesquisa, a região foi pouco estudada e virtualmente intocada pela Antropologia brasileira até poucos anos. Ainda que não seja possível dizer que esse cenário mudou radicalmente, pode-se afirmar com um pouco mais de segurança que hoje há um número crescente de trabalhos sendo produzidos sobre a área, sobre os mais diversos assuntos. O interesse dos alunos que ingressam nos programas de pós-graduação pelos problemas e temáticas relacionados às Antilhas, Guianas e parte das Américas Central e do Sul - o que se convencionou chamar Caribe em nossa disciplina - já é notadamente maior, ainda que um estudo bibliométrico possa ser útil para verificar a precisão dessas afirmações.

Talvez seja igualmente verdadeiro que a Antropologia produzida no Brasil tem voltado os olhos para o exterior, e o maior interesse por pesquisas na África e em outros países da América do Sul reflete-se nas teses defendidas nos últimos anos nos principais programas de pós-graduação na área. Isso não deve ser uma objeção ao entusiasmo com os estudos sobre Caribe, como se sua popularização fosse simples efeito secundário da internacionalização dos interesses dos antropólogos brasileiros. No entanto, se tal observação tiver alguma utilidade, é para chamar a atenção para a necessidade do diálogo entre etnografias produzidas no Caribe e em outros contextos etnográficos, evitando as armadilhas dos “estudos de área” e do isolamento de debates importantes em espaços geográficos específicos. No caso do Caribe, por exemplo, o debate sobre “crioulização” foi conduzido, com pequenas exceções, quase exclusivamente por “caribbeanistas”, e o interesse de Ulf Hannerz¹ no fenômeno como chave possível para pensar a “globalização” mostra o quanto é fundamental o deslocamento de conceitos para fora do espaço a partir do qual foram elaborados.

Dito isso, o elemento comum entre os artigos contidos no dossiê - o fato de todos tratarem de contextos etnográficos caribenhos - não deve ser visto como iniciativa que pretende isolar o debate entre “caribbeanistas”, mas mostrar o quão possível é o diálogo entre o que se produziu nos mais diversos contextos e o que vem sendo produzido a partir do Caribe. O recorte de área, aqui, é sobretudo uma estratégia destinada a dar visibilidade a essas novas pesquisas para um público mais amplo, sem qualquer pretensão de delimitar um “debate interno” sobre temas supostamente caros aos estudiosos da área. Na qualidade de organizador do número, dessa forma, convém apresentar ao leitor os trabalhos contidos nesta coletânea, chamando atenção para seu potencial conectivo com temas mais amplos do pensamento antropológico.

Marcelo Moura Melo apresenta a forma como a Guiana tem sido tematizada na literatura antropológica a partir do que localiza como questões chave. O surgimento da Guiana como país independente, na década de 60, é também o momento em que tomam lugar enfrentamentos entre indo e afro-guianenses, transformando a Guiana em “um país dividido”. Para além da literatura, esse evento é indexador de experiências de violência e sofrimento na vivência cotidiana, com profundas marcas na sociedade guianense até os dias de hoje. Embora afro e indo-guianenses representem a esmagadora maioria da população, os ingleses (apesar de a população anglo-descendente, e branca de um modo geral, ser numericamente desprezível) persistem nas narrativas sobre os conflitos raciais. Os antigos colonizadores são vistos como responsáveis por incitar essas animosidades, já que, durante a descolonização, teriam “dividido o país e ido embora”.

Deslocando-nos para o Haiti, as diversas interpretações da “cerimônia do Bois Caïman” são o tema do artigo de José Renato Baptista. A grande reunião de escravos fugidos liderada por Dutty Boukman, um dos líderes da revolução haitiana, em uma clareira nas montanhas ao norte do país conhecida como “Bois Caïman”, é considerada como um dos eventos fundantes na história do país. Dada a importância da revolução haitiana no imaginário colonial, a cerimônia inspirou, ao longo do tempo, muitas das imagens hoje estereotípicas do Haiti, que evocam narrativas fantásticas como magia negra, canibalismo e zumbis. O autor explora, também, a forma como a linguagem do vodu acabou servindo como força ideológica que intensificou laços de identidade entre os cativos, subsumindo diferenças religiosas entre os diversos grupos étnicos e servindo como elemento de confronto com o cristianismo, considerado religião dos senhores.

¹ HANNERZ, Ulf. The World in Creolisation. *Africa*, v. 57, n. 4, 1987, 546-559.

Marjo de Theije e Marieke Heemskerk tratam do impacto da mineração de ouro em pequena escala na vida das comunidades *maroon* do Suriname. Os *maroons*, descendentes de escravos fugidos que criaram aldeias independentes no interior da então colônia holandesa, tiveram, ao longo de sua história, seu modo de vida e sobrevivência constantemente ameaçados. Recentemente, a ditadura militar que governou o país entre 1980 e 1992, levou a cabo uma política sistemática de perseguição dessas populações. Durante a chamada “guerra do interior” (1986-1992), um número expressivo de *maroons* buscou abrigo em campos de refugiados na Guiana Francesa e muitos vilarejos foram destruídos pelo exército nacional. Nesse contexto, vem crescendo a importância da mineração de ouro em pequena escala como geradora de renda entre essas populações. De Theije e Heemskerk analisam o fenômeno e o impacto da atividade no modo de vida tradicional *maroon*.

Em minha própria contribuição ao dossiê, investigo a forma como os judeus surinameses produzem genealogias que os conectam a seus ancestrais - judeus chegados ao país no século XVII, fugindo da perseguição inquisitorial no Recife. A elaboração destes artefatos genealógicos, as “*stambomen*”, envolve modalidades nativas de pesquisa, genericamente chamadas “*onderzoek*” - promovidas a partir de intervenções em arquivos, conversas com mais velhos, intuição ou análise de outras genealogias. Embora *stambomen* possa ser traduzido do holandês, literalmente, como “árvores genealógicas”, a forma dos artefatos não corresponde ao formato arborescente clássico de genealogias ocidentais. Acompanhar a “engenharia heterogênea” - que envolve arquivos, conhecimentos, papéis, processos de digitalização, etc. - mobilizada em seu processo de produção é o objetivo do artigo que compõe este volume.

A arte e suas relações com a política são analisadas por Magdalena Toledo em seu artigo sobre o “Marronismo moderno” do artista martinicano René Louise. Essa teoria estética, centralizada na figura do “*nègre marron*” e no fenômeno pan-caribenho do “marronismo” - a fuga de escravos de plantações, muitas vezes formando comunidades autônomas - pode ser entendida como idioma artístico antiassimilacionista em relação à metrópole francesa. Ao reclamar uma identidade própria em oposição à França, é criado um contraponto à política de assimilação que culminou na transformação da ilha caribenha da Martinica em departamento ultramarino francês. Denunciam-se as assimetrias contidas no discurso de assimilação dos martinicanos como “franceses” dando visibilidade à experiência da escravidão, fuga e luta pela liberdade de seus ancestrais, os “*nègres marrons*”.

Por último, o artigo de Claudia Bongianino aborda o tema sempre presente da mobilidade no Caribe. Em sua incursão bibliográfica, a autora explora o rendimento analítico da noção de *relatedness* - formulada por Janet Carsten e recuperada nos trabalhos de Karen Fog Olwig - em contextos etnográficos caribenhos. Bongianino propõe que entendamos as reflexões de Fog Olwig como alternativas ao vocabulário clássico da “cultura” e das “trocas culturais” em Antropologia, já que questões como parentesco, etnicidade e imigração poderiam ser pensadas a partir da chave do “tornar-se” (tornar-se parente, tornar-se afro-caribenho) e do “territorializar-se” ao dispensar unidades discretas de totalização (como “Caribe”, “população”, “família”, “sociedade” e “cultura”) de sua análise como a *priori* teórico.

Enfim, o número interessa ao estudioso do Caribe, dada a riqueza de dados etnográficos e referências bibliográficas nele contidas, mas não deixa de interessar aos antropólogos em geral. Família, ancestralidade, colonialismo e a promoção do contato entre populações de origens étnico-culturais completamente distintas são apenas alguns dos temas abordados “a partir” do Caribe. A leitura pode ser feita, dessa forma, em diferentes registros, seja dando ênfase ao material etnográfico e bibliográfico e seu potencial como referência para interessados na área, seja atentando para as questões teóricas mais amplas, mobilizadas a partir do material apresentado pelos autores. De todo modo, a revista “Teoria e Cultura” abre um importante espaço para um campo de estudos crescente no Brasil: a Antropologia do Caribe. Boa leitura!

Thiago de Niemeyer Matheus Loureiro